

editorial

Faltando menos de três meses para o plebiscito da Alca, marcado para ocorrer de 1º a 7 de setembro, diversos setores da sociedade brasileira se mobilizam para combater a implantação da Área de Livre Comércio das Américas. A Campanha contra a Alca tem realizado atividades de formação, propaganda e eventos de mobilização.

A Marcha Mundial das Mulheres, integrando a coordenação da Campanha brasileira, está envolvida e tem levado para o movimento de mulheres a luta contra a proposta de “recolonização” das Américas.

Em diversos Estados, a Marcha organiza eventos, promove debates e discussões sobre os impactos da Alca. No Rio Grande do Norte, Piauí, Alagoas, Paraíba e Pernambuco integra os comitês estaduais contra a Alca. No Rio de Janeiro foram realizados debates. Em São Paulo, mais de dez oficinas sobre o tema ocorreram. Em cidades do interior paulista também tem ocorrido mobilizações de mulheres.

Portanto, no dia 12 de agosto, aquelas que não fogem do bom combate deverão estar nas ruas denunciando o que é a Alca e que impactos têm na vida das mulheres. A proposta é organizar um dia em que as mulheres estarão em praça pública fazendo panfletagem, debate e atividades culturais. Este dia faz parte da semana de mobilização para o plebiscito da Campanha contra a Alca, que vai de 5 a 12 de agosto.

As Semprevivas

Picasso, *Interior con muchacha dibujando*, 1935



Política familiar igualitária e feminista

Há mais de vinte anos, todos os governos da França pretenderam trabalhar por uma maior igualdade entre homens e mulheres. A realidade desmente estas declarações de princípios.

Por *Josette Trat**

Passados vinte anos, apesar da pretensão dos governos de trabalhar por uma maior igualdade entre os sexos, as desigualdades profissionais entre homens e mulheres (mas também entre mulheres) se agravaram. Pais e mães continuam tendo dificuldade de encontrar uma creche para as crianças pequenas, e as mulheres continuam a suportar o peso principal das tarefas domésticas e de cuidado com os filhos. Uma só medida podemos comemorar: a criação de uma licença paternidade de catorze dias, que tem tido um grande sucesso junto aos pais.

As escolhas na política familiar em nada favorecem a igualdade entre homens e mulheres. Ao invés de desenvolver formas coletivas de cuidado das crianças com qualidade, com pessoal qualificado (as creches coletivas acolheram somente 7% das crianças em

1999), sucessivos governos favoreceram – por isenções fiscais e subvenções – as formas de cuidado individualizadas, como o Acesso à Empregadas no Domicílio (Aged) para mães e pais com mais recursos ou a Assistência Maternal (Afeama) para os mais pobres.

Creches sacrificadas

A ministra socialista Georgina Dufoix criou, em 1985, a Alocação Parental de Educação (APE), para o pai ou mãe de uma família com três filhos que parar de trabalhar. Ela se estendeu, em 1994, aos pais e mães de dois filhos que parem de trabalhar ou que o façam em tempo parcial. Na verdade, esta Alocação é, na maior parte dos casos, concedida às mães. Em 1998, mais de 26 bilhões de francos foram destinados a estes três programas, contra somente dois bilhões às creches coletivas. A proporção de mães de dois

filhos no mercado de trabalho teve uma enorme diminuição. Entre 1994 e 1998, a taxa de atividade de mães de dois filhos, com o mais novo sendo menor de três anos e que tem um companheiro, passou de 64% a 56%. Entre 110 mil e 150 mil mulheres economicamente ativas foram estimuladas a sair do mercado de trabalho para se dedicar integralmente ao cuidado de seus filhos. Por detrás destes dados estão condições de trabalho e vida particularmente difíceis para as mulheres. As que receberam as Alocações são, na sua grande maioria, jovens operárias e empregadas, para quem o trabalho significa baixos salários, flexibilidade e corrida contra o relógio para buscar seu filho na saída da escola ou na casa de uma babá, fazer compras, etc. Nestas condições, compreendemos porque estas mulheres preferiram investir suas energias e preocupações em sua vida familiar muito mais do que na profissional.

Esta alocação tem uma dupla vantagem para os governantes: diminuir oficialmente as estatísticas de desemprego e lidar com a questão do cuidado das crianças de menos de três anos com baixo custo.

Entretanto, em julho de 2000, o governo Jospin previu retomar a criação de 40 mil novas vagas em creches, se bem que faltem, no mínimo, 500 mil vagas. Os recursos destinados a esta questão eram insuficientes, e sempre o são!

Tempo para viver

O conjunto desta política favoreceu menos a igualdade, pois continua destinando às mulheres as tarefas domésticas e a responsabilidade sobre os filhos, que hoje respondem por 80% do núcleo duro do trabalho doméstico. Elas destinam duas vezes mais tempo ao cuidado dos filhos que os pais. Entre 1985 e 1999, os homens que vivem com uma companheira aumentaram em 17 minutos por dia o tempo que eles dedicam ao trabalho doméstico, enquanto que as mulheres

reduziram o mesmo tempo. Mas estas pequenas mudanças se devem pela modificação dos modos de consumo, como a utilização de enlatados e congelados e os homens acompanhando um pouco mais suas companheiras nas compras.

As leis sobre Redução de Tempo de Trabalho (RTT) não melhoraram de maneira qualitativa a questão do tempo para os pais, e para as mães em particular. Pesquisas mostram que as mulheres são sempre mais disponíveis do que os homens para o cuidado dos filhos e que a RTT não foi vivida da mesma maneira por mulheres de diferentes níveis profissionais: 75% das executivas constatarem uma melhoria em suas vidas contra 40% das trabalhadoras sem qualificação.

Para nós, cada indivíduo deve ser independente financeiramente graças a seu trabalho, ter tempo livre para se ocupar de sua família, investir na vida associativa e se divertir. Além do mais, todo o indivíduo, qualquer que seja sua nacionalidade, qualquer que seja sua orientação sexual, deve poder escolher seu modo de vida e tipo de família que lhe convém. É por isso que defendemos um estatuto legal autônomo para as mulheres imigrantes que chegam à França integrando um agrupamento familiar, assim como o direito ao casamento e à adoção para gays e lésbicas. Defendemos também as reivindicações

elaboradas pelo Coletivo Nacional pelos Direitos das Mulheres (CNDF) com relação à igualdade profissional e à política familiar.

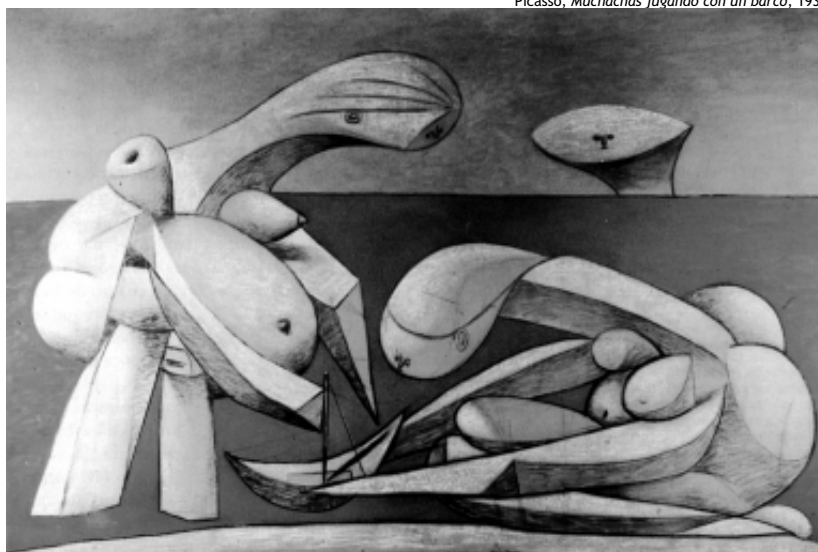
De fato, não é possível haver uma real igualdade profissional sem que seja desenvolvido um verdadeiro serviço gratuito de cuidado das crianças pequenas. E este serviço público deveria agrupar todas as formas de equipamentos.

É necessário substituir a APE de três anos para uma licença de um ano, dividida igualmente entre o pai e a mãe, com uma remuneração equivalente ao salário e garantia de readmissão; licença em razão de doenças dos filhos devem ser divididos entre o pai e a mãe; campanhas de mídia regulares são indispensáveis na luta contra estereótipos sexistas e pela divisão do trabalho doméstico, formação profissional para as trabalhadoras e trabalhadores de creches.

Mas tal política familiar só tem sentido se for acompanhada de uma política de enfrentamento das discriminações sexistas, contra a precariedade e baixos salários – que atingem particularmente as mulheres – e por um aumento do que é o mínimo social. É preciso, como exige o CNDF, empregos verdadeiros e tempo para viver.

* Josette Trat é militante feminista e integra o Coletivo Nacional pelos Direitos das Mulheres da França.

Picasso, *Muchachos jugando con un barco*, 1937



A mulher latina na mídia

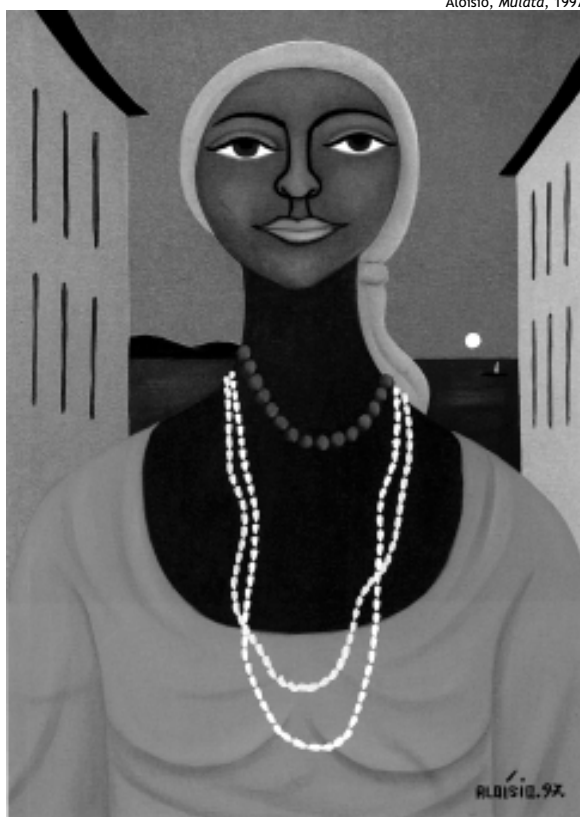
Por Luciana Rodrigues*

Recentemente tive oportunidade de rever em vídeo o filme *Pão e Rosas*, do cineasta militante inglês Ken Loach (*Uma Canção para Carla, Terra e Liberdade*) e mais uma vez verifiquei o que mais me encanta neste filme: a forma e o respeito com que a personagem protagonista, Maya, é construída e tratada. Encanta, porque é uma mulher latina que não é de beleza glamourosa, que é uma trabalhadora, é alegre, batalhadora, sexualmente satisfeita. Como mulher latina foi uma das poucas vezes que me senti bem retratada na tela grande, com respeito, o que é uma exceção.

A indústria de entretenimento de Hollywood sempre tratou os latinos, fundamentalmente as mulheres latinas, de forma pejorativa.

Sobre este assunto há um ótimo livro editado por Ella Shohat, professora na NYU de Estudos sobre a Mulher e Culturais: *Talking Visions Multicultural Feminism in a Transnational Age*, estudo do feminismo nas diversas comunidades e atuações. Infelizmente ainda não há tradução para a língua portuguesa.

Nele há entrevista com Maria Hinajosa, a mais proeminente latina trabalhando nos meios de comunicação nos EUA. Esta entrevista centrou-se no processo e ideologia que permeiam as participações cada vez maiores das mulheres latinas na mídia norte-americana, que se dirigem a um público falando em espanhol. Ela ressalta que isto se dá mais em termos de um interesse das corporações da mídia em mais uma fatia de mercado do que efetivamente de contribuir para as melhorias de uma comunidade constantemente marginalizada e vítima de preconceitos. O como e o que



comunicar estão sempre permeados por identidades e interesses hegemônicos, não só para a identidade latina, mas para a fabricação de imagens de faixas etárias, gêneros, sexualidades e etnias.

Na televisão ou no cinema, a imagem da mulher latina não decorre de um traço cultural específico, mas de anos de construção de imagens popularizadas. De Carmem Miranda e Dolores del Río, passando por Lupe Veléz, Rita Moreno, Marisa Tomei, Salma Hayek, a sexualização exacerbada da imagem é geralmente advinda de uma criativa manipulação do fenótipo em forma de “brownface” (um escurecimento da pele, com maquiagem, das atrizes) ou o contrário, “branqueando-as”, o que acaba por criar confusão com imagens de outras etnias, notadamente negros ou índios. Esta imagem é reforçada também na manipulação dos sotaques (quando as mulheres latinas

são apresentadas como presenças “espaçosas”) na pronunciada gestualidade e trejeitos (apresentando uma latente e sempre presente promessa de relações sexuais). Estas imagens tornam as mulheres objetos de consumo e também uma ameaça.

Ainda sobre os EUA na radiofusão, entretanto, o exagerado uso da imagem da sexualidade latina é mais eventual e o que se busca é apagar os traços que poderiam caracterizar a jornalista como mulher e como latina, pasteurizando sua presença.

Na área do entretenimento, no cinema e na televisão, existem outras tendências em crescimento: a criminalização do homem latino, haja visto *Ellie López* no filme “*Ghost*” e a associação ao vodu, à magia negra (“*Stigmata*”). A conduta para o “mal” como uma propulsão social e uma lógica racional das mulheres e homens latinos, de manipulação de vítimas inocentes, reforçando a cultura do medo em crescimento nos EUA.

Considerando a ideologia que permeia Hollywood, não se pode ingenuamente imaginar que nossa imagem, de mulheres latinas, que “vende”, vai ser mudada. A saída é apostar no crescimento de um cinema de diversidade, novos cinemas latinos, brasileiros, onde nossa imagem passe a representar o que de fato somos, com toda a nossa riqueza cultural. O crescimento das mulheres cineastas no Brasil pode acenar para isto, é um fenômeno bastante particular na cinematografia mundial e algo do qual nos orgulharmos.

Luciana Rodrigues é cineasta e professora de cinema em São Paulo.

Quatro vozes femininas cantando o Brasil



Publicidade

Donas de poderosas vozes, Doralice, Jussara, Jurema e Thatiana integram, desde 1994, o grupo musical "A Quatro Vozes". O quarteto vocal feminino busca fazer música popular brasileira de maneira apaixonada e com tal disposição desenvolve um trabalho no qual visita suas raízes musicais que, por serem vastíssimas, possibilita mesclar inúmeros elementos de forma muito original.

O repertório inclui clássicos da MPB

e obras de novos compositores, alguns dos quais integram o naipe de vocalistas e instrumentistas do grupo.

Ao longo destes anos, "A Quatro Vozes" vem apresentando esse trabalho em diferentes locais e cenários culturais destacando-se, entre tantos, sua participação no 17º Festival do Fogo, realizado atualmente na cidade de Santiago de Cuba, em 1997, ano em que a homenagem da mostra foi dedicada ao Brasil.

Em 1998, "A Quatro Vozes" esteve no Femadum, realizado no Pelourinho, na Bahia, onde fez uma apresentação especial com a bateria do Olodum (grupo organizador do evento).

Em seu primeiro CD, "Felicidade Guerreira", o grupo desenvolve uma interessante e alquímica trama de sons e ritmos mostrando aos que o ouvem a pluralidade musical da terra brasileira. Passeia pela diversidade de muitos estilos, representados neste trabalho com a balada, o calango, o lamento, a bossa, o samba.

Com "Felicidade Guerreira", as cantoras prestam homenagem ao dia-a-dia do povo das pequenas e das grandes cidades, dialogando sempre com as realidades de tempo, espaço, beleza, dureza e poesia.

o que rola

Seminário em julho para preparar Encontro Feminista

O 14º Encontro Nacional Feminista será realizado no Rio Grande do Sul, provavelmente em setembro de 2003. O Comitê Estadual criado para organizar o Encontro já realizou diversas reuniões, incluindo reuniões nacionais durante as duas edições do Fórum Social Mundial. Com o objetivo de definir em conjunto o tema central do 14º ENF, seus objetivos e pauta, será realizado, nos dias 13 e 14 de julho, o 1º Seminário Nacional.

O Seminário será o espaço de debate e definição em torno dos aspectos políticos do ENF, portanto, a pluralidade e a representatividade na participação são fundamentais. Na pauta estão questões como objetivos do Encontro; conjuntura;

papel do movimento de mulheres; desafios e calendário de lutas; discussão sobre a participação dos partidos na organização do 14º ENF; infra-estrutura; captação de recursos; atividades culturais; articulações/contatos; comunicação; criação da Comissão Executiva e do Comitê Nacional; definição do calendário de realização do ENF; lançamento da página do Encontro na internet e abertura da tribuna de debates.

O Seminário Nacional será realizado na Câmara Municipal de Porto Alegre, avenida Loureiro da Silva, s/nº, centro, Porto Alegre (RS). Contatos com o comitê organizador pelo e-mail 14encontrofeminista@bol.com.br

folhafeminista

nº 35 junho de 2002 ISSN 1516-8042

CONSELHO EDITORIAL

Andréa Butto, Francisca Rocicleide da Silva (Roci), Helena Bonumá, Ivete Garcia, Márcia Camargo, Maria Amélia de Almeida Teles (Amelinha), Maria Ednalva Bezerra de Lima, Maria Emília Lisboa Pacheco, Maria de Fátima da Costa, Maria Otília Bocchini, Martha de la Fuente, Mary Garcia Castro, Matilde Ribeiro, Raimunda Celestino Macena e Tatau Godinho.

A folha feminista, ISSN 1516-8042, é um boletim da SOF na luta feminista. Este número tem apoio financeiro da ICCO.

EQUIPE EDITORIAL

Diretora Responsável: Nalu Faria
Editora: Fernanda Estima (Mtb 25.075)
Projeto Gráfico: Alexandre Bessa
Diagramação: Márcia Helena Ramos
Fotolito: Input
Impressão: RWC Artes Gráficas
Tiragem: 1.500 exemplares
Número avulso: R\$1,50



SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA

Assinatura anual (10 números): R\$15,00

Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros
 05417-080 - São Paulo / SP
 Tel/fax: 3819-3876
 Correio Eletrônico: sof@sof.org.br
 Página na internet:
<http://www.sof.org.br>

próximos números

- CAMPANHA CONTRA A ALCA
- COMÉRCIO E LUTA CONTRA A POBREZA